



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

Director literario:

Albuquerque
PAPIM

O SEculo

Director artistico:

Edwardsollal
PAPUSSE



FERNANDO LUIZ

A' minha amiguinha IRENE NAVARRO DA COSTA

Por MIMI GRANDELA

Desenhos de E. MALTA



ERNANDO LUÍS era um rapazito de 15 anos.

A sua maior ambição era ser oficial de marinha.

Seu pai, um homem do povo, honrado, mas muito pobre, não lhe podia dar educação, e quando o filho lhe falava em ter tal profissão, dizia-lhe sempre que

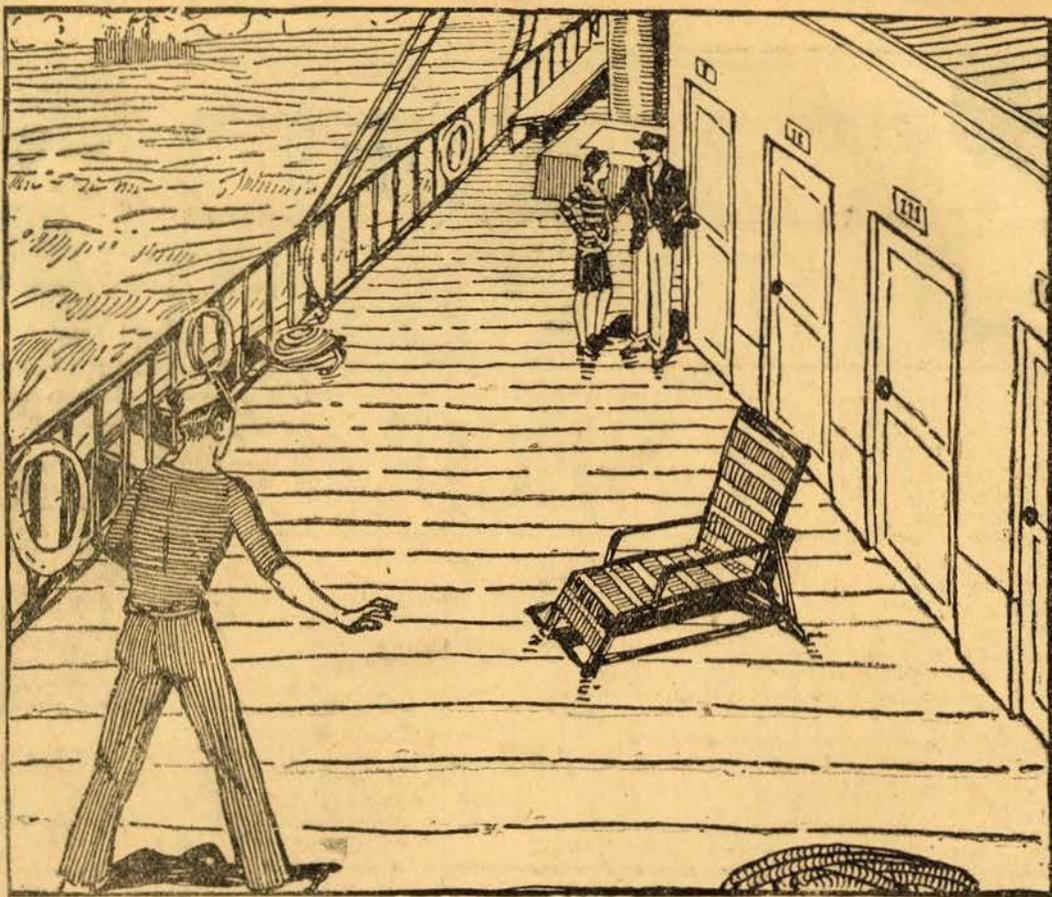
não pensasse nisso, porque era uma carreira que ele nunca poderia seguir por ser muito dispendiosa.

O rapaz, quando o pai lhe dizia isto, ficava triste e pensava: quantos meninos ricos, com a idade d'ele desprezavam o estudo enquanto que ele queria estudar, e não tinha posses para isso.

Um dia, ao ler os anúncios do «Século», seu jornal predilecto, viu que pediam do vapor «Alvar» um grumete para serviço de baldeagem.

O pobre rapaz não sabia que emprego era o de baldeagem, mas, como se tratava de bordo, a sua maior paixão, imediatamente se foi apresentar ao capitão.





Este, que era bom homem simpatisou com a cara do rapazito, e ficou assente que êle entraria na véspera do vapor partir para a Africa, pois era o rumo do «Alvar».

Foi para casa, contou tudo aos pais e pediu-lhes licença para o deixarem ir.

Estes, ao princípio, recusaram-se, mas Fernando Luís tanto insistiu que se viram obrigados a deixá-lo partir.

Chegou, enfim, a véspera da partida, tão desajada do filho, e tão triste para os pobres pais.

Fernando Luís, logo que entrou para bordo, foi conduzido a um beliche, onde encontrou um fato parecido com os dos marinheiros, mas mais feio, e uma boina como as dos cosinheiros do vapor.

Não lhe agradou muito a farda, e menos ainda o serviço que lhe correspondia, mas resignou-se, esperançado em vir ainda a ser um oficial, como muitos que êle via a bordo, com as suas fardas azuis escuras, irrepreensivelmente limpas e com aquelas ambicionadas dragonas douradas que tanto luziam aos ardentes raios do Sol.

Por entre a lufa-lufa dos carregadores e passageiros, viu Fernando Luís uma formosa rapariga, que com o pai, um sujeito idoso, mas de porte muito distinto, se dirigiam para um dos camarotes de primeira classe, o n.º 20, do «Alvar».

A rapariga que era interessante e vinha elegantemente vestida, deixou o pobre grumete um pouco apreensivo.

Partiu, enfim, o vapor, e só dois dias depois, em pleno Oceano, é que voltou a aparecer ao rapaz a formosa e misteriosa menina.

Os dias passaram, e Fernando Luís, no seu novo officio, dava grande satisfação aos officiaes e ao próprio comandante, pela sua disciplina e pelo asseio em que andava sempre.

Uma noite, em que Fernando Luís estava a conversar com os outros grumetes, seus companheiros, perguntou-lhes se conheciam a rapariga da cabine n.º 20. Soube, então, quem era aquela com quem êle simpatisara tanto.

Era filha dum rico banqueiro e chamava-se Irene, nome que êle adorava por ser o nome de sua mãe.

Ficou satisfeito com a informação e não mais pensou no caso.

*
*
*

Chegaram um mês depois a Africa.

O banqueiro e sua encantadora filha Irene, desembarcaram em Lourenço Marques onde deviam estacionar alguns anos porque o banqueiro tinha ali algumas roças que necessitavam da sua administração.

Três dias depois, partia de novo o «Alvar» para Lisboa onde chegou por uma linda manhã de verão.

*
*
*

Passaram-se 2 anos.

Fernando Luís portou-se tão bem a bordo, que a sua caderneta não tinha a mais pequena mancha.

(Continua na pag. 8)

PREMIO E CASTIGO

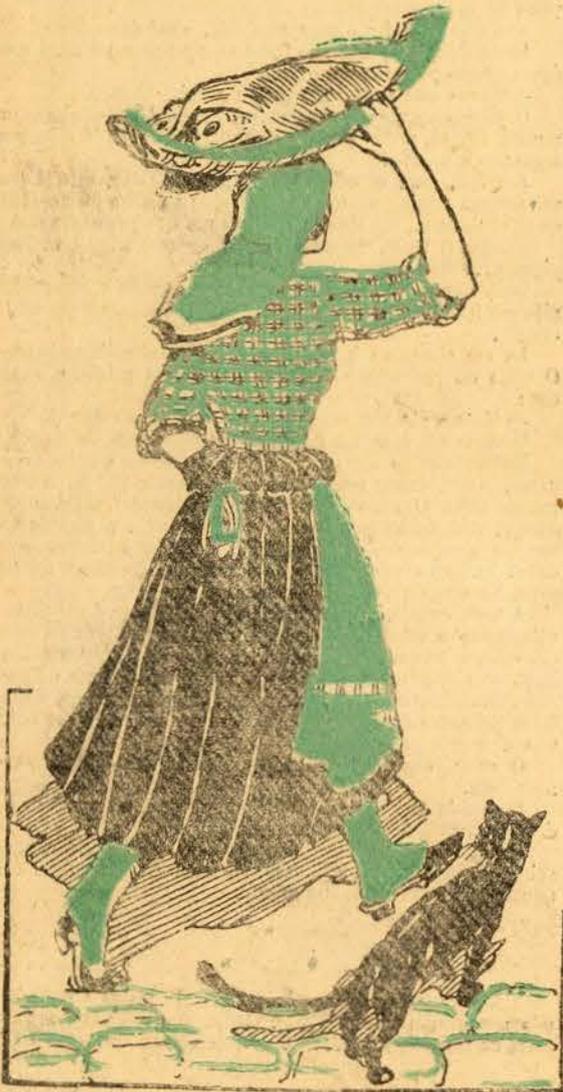
HISTÓRIA DUM GATINHO HONRADO E DUM CÃO LADRÃO

Por AUGUSTO SANTA-RITA

Desenhos de EDUARDO MALTA

Era uma vez um gatinho
que não tinha eira nem beira,
e vivia — coitadinho —
sempre na esperança laqueira
de comer algum peixinho
que lhe desse uma peixeira.

Mas por mais que esp'rasse... ná!...
Nem sequer uma carapau
peixeira alguma lhe dá!



E então miava: — «miau...»
como quem diz: — «mau, mau, mau
que esta vida está bem má!»

Nisto aparece um Bêu-bêu,
atravessado de lobo,
que lhe diz: — «grande sandeu!
Não sejas assim tão probo,
olha... faze como eu
que, quando me não dão, roubo!»

Mas o gato, e com razão,
que presava o seu bom nome,
dizia apenas ao cão:
— «a proibidade consome,
mas antes quero ter fome
do que tornar-me ladrão!»

Assim falando e seguindo,
lado a lado, cão e gato,
na opinião divergindo,
— (o maltês muito sensato
e o Bêu-bêu mal se exprimindo) —
vêm, de súbito, um rato.

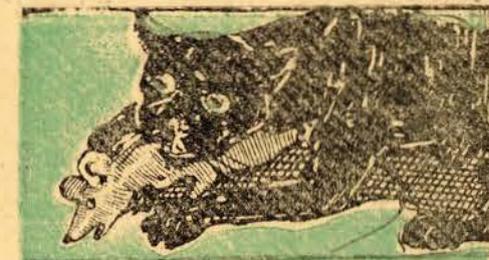
Mas não sómente um ratinho,
uma ratoeira também,
com um naco de toucinho
de Vila Nova de Ourém,



que, até longe do ratinho,
já cheirava mui bem.

Emquanto o gatpapava,
como era justo, ratinho,
o cão, que tudo ouhava
e inda por cima (mesquinho) —
de ser ladrão se abava,
foi-se direito ao ratinho,

E, deveras insensato,
como um larápio vulgar,
conforme disséra ao gato,
dispôs-se logo a roubar
o petisquinho que o rato
não chegou nem a cheirar!



O pior foi que a armadilha
ali armada a seus pés,
castigara à maravilha
a espantosa insensatez
do Bêu-bêu, o grande pilha,
bem diverso do maltês!

Por ser de alma pequenina
e haver sido cobiçoso,
Deus lhe deu a triste sina
de ter um fim horroroso,
como qualquer criminoso
condenado a guilhotina!



■ ■
F I M
■ ■



LOTARIA

Por AUGUSTO DE SANTA-RITA

Desenhos de EDUARDO MALTA

—«E' o 1333! —

—E' hoje que anda a roda!... Anda hoje a roda!»

Dez horas da manhã; numa anciedade,
—uma anciedade douda!—
a rua encheu-se toda
de marrecos, de coxos e de mancos;
são os pregões uns trágicos arrancos,
delira, em febre, a cidade!
Hora em que muito graves, hirtos, sérios,
passam os empregados para os bancos
casas comerciais e ministérios;
uma ou outra ovarina,
com o seu tac-tac dos tamancos
e mulherzinhas
em cabelo, ou de Jenço ou de mantilhas,
umas levando pela mão, outras ao colo, as
filhas!

E ternas avózinhas
cheias de rugas e cabelos brancos;
e... (vede!...) aquela menina,
tão olheirenta e franzina
mas de meiga expressão, —olhos claros
e francos!»

que vai passar
—olhai!—que triste sina—)
todo o seu santo dia,
consecutivamente, a trabalhar
fechada numa oficina!

—«E' o 7, é o 7!...»

E o outro pregão repete:

—«E' o 1333!...»—

E eis que, outra vez,
sob o bafo de Deus, a voz se perde!

No dymâmico espaço dos sentidos,
o aspecto das cousas se entrechoca
em mil variados tons:—cobalto e oca,
amarelo, vermelho, azúl e verde!

—«E' o 1333!...»—

—«E' a grande... é a grande!...»

E a voz, de novo, repete,
numa insistencia diabólica:

—«E' o 7, é o 7!...»

«E' o 1333!...»—

E a menina
franzina,
que passa,
entre o povo,
melancólica,
num sorrisinho de graça
e todo cheio de luz,
intimamente, se expande:

—«Se eu o comprasse, talvez...»—

—«Se me saísse... Jesus!...»—

—«E' o 1333!...»—

E a voz se perde, de novo,
para se ouvir outra vez:

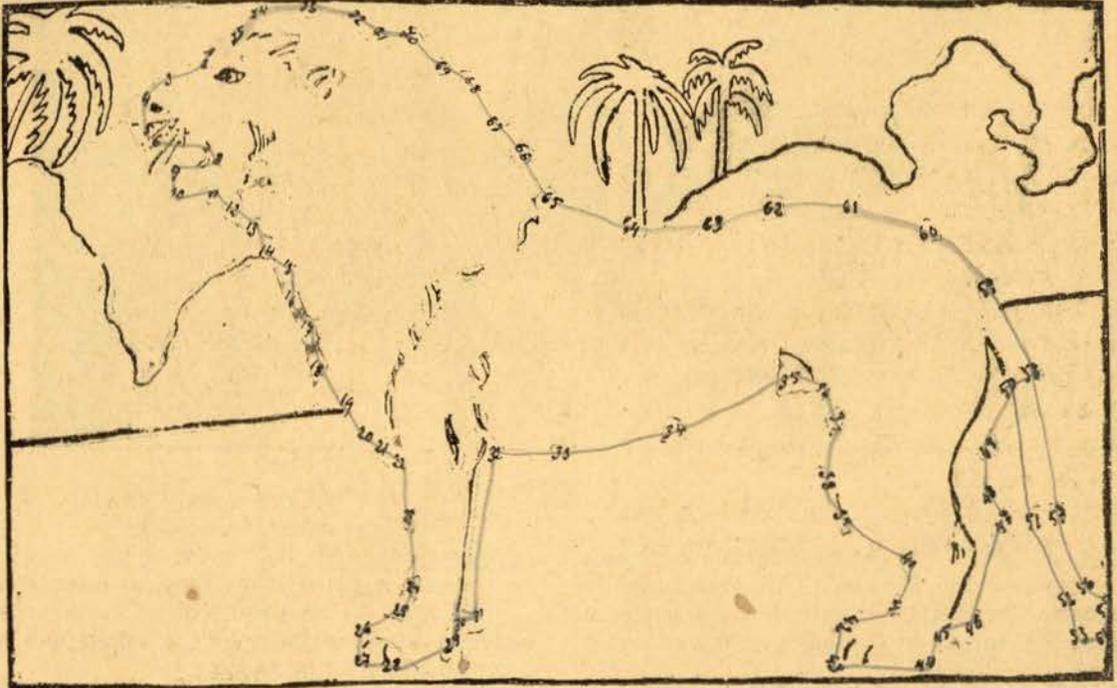
—«E' o 1333!...»—

—«E' a grande!... é a grande!...»

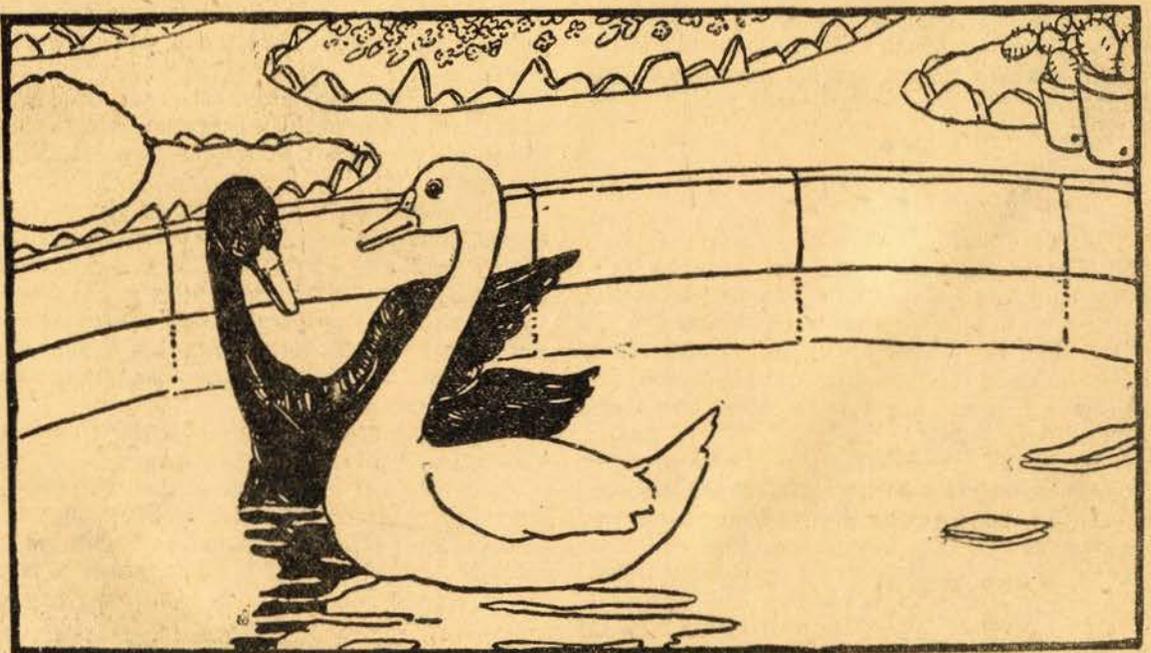


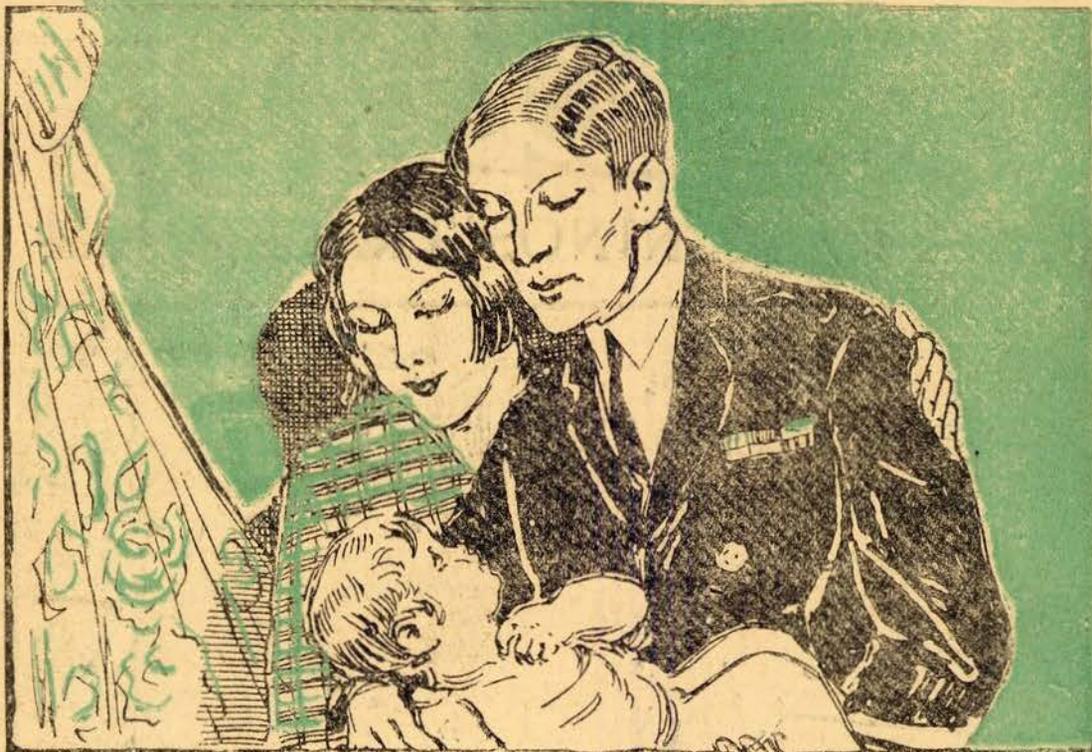
HORA do RECREIO

PARA OS MENINOS TRACEJAREM



PARA OS MENINOS COLORIREM





(Continuação da Pag. 2)

Com o dinheiro que ganhara, durante os 2 anos de serviço a bordo, Fernando Luís despediu-se do comandante e dos oficiais em quem deixou grande pena e foi para a escola de aspirantes de marinha onde tirou um curso brilhante.

Tinha 28 anos, quando saiu segundo tenente. Participaram-lhe um dia alguns colegas que estava destinado a partir no dia seguinte no cruzador «Cabo Ruivo» para a Africa, a uma expedição.

Fernando Luís arranhou a mala e, no dia seguinte, despediu-se dos pais, que já eram velhinhos, e embarcou para a Africa onde 8 anos antes, já tinha feito a mesma viagem, mas em condições menos favoráveis.

•
* *

30 dias se passaram sem o mais pequeno incidente a bordo do «Cabo Ruivo», ao fim dos quais chegava o nosso tenente a Lourenço Marques.

O capitão do «Cabo Ruivo», estava muito bem relacionado nesta cidade e, logo que ali chegou, foi convidado a ir jantar a casa de um sujeito com quem o capitão fazia grande cerimónia.

O tal sujeito quando mandou o convite ao capitão, mandava-lhe dizer que se algum oficial de bordo lhe quizesse dar o prazer de ir á noite passar um bocado a sua casa, não fizesse cerimónia.

O capitão depois de pensar muito, qual o oficial

de melhor porte que tinha a bordo, para apresentar em casa do amigo, resolveu convidar o tenente.

Este não se fez rogado, e, nessa noite, apresentou-se em casa do misterioso sujeito que assim o convidava sem o conhecer.

Quando lá chegou, estava o capitão, um sujeito já de idade e uma linda rapariga, filha do tal sujeito, na sala á espera d'ele.

Mal entrou, apresentou-o o capitão ao sujeito e á pequena.

Fernando Luís, logo que olhou bem para o pai e para a filha, reconheceu-os apesar de os não vêr ha 8 anos.

Eram o banqueiro e sua filha, que, quando Fernando Luís era grumete a bordo do «Alvar», tinham embarcado para a Africa. Irene estava mais linda do que era.

Fernando Luís, ficou apaixonado por ela e, dias depois, rogava ao capitão que fôsse pedir ao banqueiro, para êle, a mão da filha. O banqueiro deu imediatamente o seu consentimento e foi participar á filha o pedido de Fernando Luís. Esta disse que sim, pois Fernando Luís era bonito, e, além disso, porque tinha uma figura muito distinta, caíra na simpatia da formosa Irene.

Oito dias depois, partia o «Cabo Ruivo» para Lisboa, trazendo os dois felizes noivos.

Fernando Luís, logo que chegou, foi promovido a primeiro tenente e hoje vive na mais completa felicidade, com sua adorável mulher e com um loiro rapazinho de um ano que faz a alegria de seus pais.